

O sofrimento silencioso: solidão interior incomunicável

Silent suffering: loneliness inside incommunicable

Marcos da Silva e Silva

Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO: Esse texto pretende desenvolver o sofrimento silencioso em uma leitura kierkegaardiana, especificamente em sua obra *Doença para morte* e de maneira menos restrita em outras publicações desse pensador. Buscaremos abordar de que maneira este sofrimento torna-se incomunicável na interioridade do existencial. Entendemos neste filósofo que a busca do conhecer, nos põe no labirinto espelhado do conhecer-se sem perder-se em um silêncio existencial do eu querer ser si mesmo. Procurar-se é angustiar-se, conhecer-se é desesperar-se frente ao sofrer.

PALAVRAS-CHAVE: SOFRIMENTO; SILÊNCIO; EXISTÊNCIA.

ABSTRACT: This text aims to develop the silent suffering in a reading Kierkegaard, specifically in his work *Sickness unto Death* and less restricted way in other publications such thinker. We will seek to address how this suffering becomes incommunicado in the interiority of existential. We understand this philosopher that the pursuit of knowledge, puts us in the mirrored maze to know each other without getting lost in an existential silence I want to be yourself. Find yourself is to agonize, know each other's despair is against the suffering.

KEY-WORDS: SUFFERING; SILENCE; EXISTENCE.

Silêncio: solidão interior incomunicável.

As leituras dos textos kierkegaardianos são mergulhos na existência, a cada passo que se dá em sua produção filosófica aprofunda-se ainda mais os pés na existência. Kierkegaard é um filósofo de muitas palavras, as ditas e as ocultas, e são em suas palavras e em seus pseudônimos que buscamos compreender o sofrimento como uma condição existencial que se configura pelo silêncio interior, incomunicável. Após descrever o sofrimento *páthos*

nos estádios¹ estético e ético, Kierkegaard assinala a existência de um terceiro estádio, a saber, a vida religiosa, apresentada na seção do livro *Ou...Ou...*, intitulada *Ultimatum*, onde, para o homem religioso, a vida é sofrimento, neste sentido tanto na concepção da obra, quanto em sua compreensão não se trata de superação, mas do aprofundar-se no existir. O estádio religioso é o momento onde o sofrimento é intensificado por meio do silêncio e da solidão.

A solidão² no sofrimento torna-se, por conseguinte, o centro das reflexões, a partir das quais o filósofo desenvolve o sentido da subjetividade na existência. O sofrimento silencioso, contínuo, força o homem a viver na solidão, que o conduz a descobrir o valor de sua individualidade, encontrando, enfim, a reconciliação com ele mesmo a partir da reconciliação absoluta com Deus. “Este pensamento que temos sempre vividamente frente a Deus, para a dúvida e apazigua sua inquietude; ele encoraja e leva à ação”. (KIERKEGAARD, 2008, p. 606) porque a ação silenciosa afirma que a comunicação deve ser indireta com o Outro, por meio do homem que a pratica. Na sua dimensão subjetiva, como fato pessoal na existência, no íntimo do homem, o sofrimento parece ser algo quase infável e incomunicável, pois é uma comunicação silenciosa não apenas tagarelices. Não se trata de falar como um mecanismo da linguagem é necessário compreender-se enquanto fala. A comunicação deve ser singular aos ouvidos do falante.

A comunicação silenciosa, por meio da ação, não se limita apenas àquele que ouve, mas atinge a interioridade de quem fala; neste sentido, a comunicação silenciosa é a unificação da alma com a ação subjetiva e o Inteiramente Outro. A verdadeira comunicação silenciosa nada tem a ver com o requerimento ou com a reivindicação. O silencioso não é um carente em palavras, em signos e sentidos. O silencioso, fitando o mistério com os próprios olhos da sombra, faz-se receptivo ao eco da verdade, que vai abrindo caminho no próprio coração do silêncio. Vem a luz, então, iluminar os olhos da fé. Esta é a

¹ Quanto ao conceito ‘estádio’: Trata-se de uma opção de tradução, feita também por FARAGO (2006) e ALMEIDA; VALLS (2007).

² E este último desejo é de certo o melhor, porque a solidão sente-se quando se ouve os outros afastarem-se. No *Don Juan* a mais solitária das situações é a de Zerlina; Zeerlina não está só, antes *vai ficando* só; ouve-se o coro desaparecer, e, no progressivo desaparecimento desse som na distancia, a solidão torna-se audível, torna-se presente: vós Oito Caminhos, haveis simplesmente afastado de mim toda a gente, e haveis-me restituído somente os meus próprios pensamentos. (KIERKEGAARD, 2005. p. 32)

“Palavra” de Deus, para além dos sermões ou das tagarelices paroquiais, palavra silenciosa, interior, aquém das palavras, que dá o tom exato à palavra humana que venha falar em seu Nome e lhe confere o princípio de sua compreensão.

Kierkegaard não ignora que é necessário, também, mortificar essas palavras, sua imediatidade à qual se soma a inflação de uma repetição infundável, para alcançar o seu referente no anterior a toda linguagem, no incomunicável. É possível, então, no silêncio o reencontrado, ouvir novamente o verbo inaudível aos surdos, ver a luz invisível para os cegos de nascença que não querem a cura de sua cegueira. Tudo se pode ouvir novamente. A miséria das palavras pode recuar, porque a fonte de vida comum a todos se deixa ouvir e tocar, quando tudo se cala. Somente estas núpcias do existir com o silêncio, permitem a cada pessoa nascer para sua mais profunda singularidade, para sua unicidade, longe do mimetismo do rebanho, que só produz artefatos de personalidade. O silêncio é reunião, unificação de si mesmo, sinal da síntese com gênese, unificar verdadeiramente é está no silêncio. O silêncio permite pacificar as paixões muito perturbadoras, que deixam o coração febril.

Cresce a tranquilidade à medida que cresce a sombra, à medida que cresce o silêncio: poderosa fórmula mágica! De facto, que coisa será tão inebriante como a tranquilidade! Pois, por mais depressa que o bebedor leve a taça a boca, a sua embriaguez não cresce tão subitamente quanto a da tranquilidade que aumenta a cada segundo que passa! E que é o conteúdo da taça embriagante senão uma gota em comparação com o infundável oceano de silêncio do qual bebo! E o que é a efervescência do vinho senão miserável embuste em comparação com a fermentação do silêncio que ferve com vigor sempre maior! É a prece agônica que arranca do divertimento da contingência para enraizar no único necessário: a refontalização na origem que regenera as almas exangues ou agitadas. “A fé surge, assim, em Kierkegaard, como um combate solitário, a aventura da relação singular de si mesmo com Deus, que nenhum outro, a não ser nós mesmos, pode fazer em nosso lugar.” (FARAGO, 2006, p. 116-117)

Assim é o sofrimento de Abraão, em “*Temor e Tremor*”, onde Kierkegaard/*Johannes de Silentio* nos fala, na “Atmosfera”, da prova de Abraão. Nesse momento, o sofrimento é silencioso, pois trata-se do salto da fé, no limite entre o estádio ético e o estádio religioso, não permitindo, assim, um refúgio fora do sofrimento na

existência. É mais do que um mero calar-se, é uma comunicação da verdade, a verdade que Abraão descobre no silêncio da subida do Monte Moriija.

Abraão não pode falar, porque se trata de uma relação pessoal com a sua solidão. O sofrimento de Abraão é silencioso é incompreensível: “Permito-me, aqui, apresentar o relato da seguinte passagem da *“Atmosfera” de Temor e Tremor*”.

Raiava a manhã, Abraão ergueu-se, abraçou Sara, companheira da sua velhice, e Sara osculou a Isaac, que a livrou do escárnio e era seu orgulho e esperança para todas as gerações futuras. Andaram em silêncio. Abraão manteve o olhar obstinadamente fixo no chão até o dia quarto. Somente então ergueu os olhos e distinguindo no horizonte a montanha de Moriija, tornou a baixá-lo. Silenciosamente preparou o holocausto e atou Isaac; silenciosamente tirou a faca; foi então que enxergou o carneiro que Deus providenciaria. Sacrificou-o e tornou a casa... Deste dia em diante Abraão envelheceu; não conseguiu olvidar-se daquilo que Deus exigiu dele. Isaac foi crescendo, porém os olhos de Abraão tinham perdido o brilho; nunca mais voltou a ver alegria. Quando o infante, já crescido, precisa ser desmamado, a mãe, com pudicícia, esconde o peito e o infante não tem mais mãe. Venturoso o filho que não perdeu a mãe de modo diverso! (KIERKEGAARD, 2008e, p. 8)

O silêncio de Abraão não é um silêncio qualquer, é o silêncio da escolha³, no limite entre o estádio ético e o estádio religioso. O que não se pode excluir neste silêncio é o sofrimento que se comunica pela escolha que Abraão tem que fazer, e isso implica uma certa medida de sofrimento, pois é singular, é uma escolha pela paixão, é interior ao homem, é uma escolha que Abraão faz enquanto caminha na solidão do monte Moriija.

O sofrimento emerge como sinônimo de silêncio interior, em certo momento hermético, um estado de solidão que não se encontra no desespero demoníaco, como pontua Kierkegaard, em *“Temor e Tremor”*. O silêncio imposta-se na intensificação da

³ Este tema da escolha de Abraão pode ser abordado em *“Temor e Tremor”*, no qual se reporta a avaliação ética da ação de Abraão.

possibilidade do indivíduo que escolhe por si, que faz a sua escolha só comunica-se de maneira silenciosa, consigo mesmo, hermético. Exprime-se uma verdade interior, de angústia, de sofrimento ou de medo.

O desespero silencioso

Já velho, Swift foi recolhido ao hospício que ele mesmo fundara em sua juventude. Ali, dizem, mantinha-se frequentemente em frente ao espelho, comprazendo-se com uma vaidade e uma volúpia de mulher, senão com os mesmos pensamentos. Olhava-se e dizia: “Pobre velho!”.

Era uma vez um pai e um filho. Um filho é como que um espelho em que o pai vê a si mesmo, e o pai é também um espelho, onde o filho vê como há de ser mais tarde. Contudo, só raramente olhavam assim um ao outro, pois a alegria de uma conversação animada encantava cada dia de seu convívio. Algumas vezes, entretanto, o pai interrompia-se, o rosto triste, e detinha-se diante do filho; observava-o e dizia: “Pobre criança, tu andas em um desespero silencioso”. Isso jamais recebeu outra explicação, jamais foi examinada a sua verdade. E o pai acreditava ser culpado da melancolia de seu filho, e o filho acreditava ser a causa da tristeza de seu pai – mas nunca trocaram palavra a respeito.

Então, morreu o pai. E o filho viu muitas coisas; ouviu muitas coisas; ele viveu e conheceu muitas e diversas tentações; mas de uma só coisa ele carecia, uma só coisa o movia: era aquela frase e a voz de seu pai ao pronunciá-la.

E então, o filho também ficou velho; mas como o amor tudo descobre, assim também ele aprendeu, através de seu desejo nostálgico, não a arrancar alguma indicação ao silêncio da eternidade, mas a comparar sua voz com a de seu pai, até a semelhança não ser mais uma ilusão. Não se olhava, então, em um espelho, como o velho Swift, pois o espelho já não estava lá, mas na solidão consolava a si mesmo, escutando a voz de seu pai: “Pobre criança, vives em um desespero silencioso”. Pois o pai era o único que o tinha compreendido, e, no entanto, ele não sabia se o havia compreendido; e o pai era o único confidente que tivera; mas a confidência era tal, que permanecia

a mesma, assim na vida como na morte. (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 32-33)

Esta condição silenciosa torna o sofrimento do homem incomunicável, pois não há linguagem, é uma comunicação indireta de uma interioridade com absoluto, transeunte para a interioridade incomunicável da existência. O silêncio é autocentrado, autocrático, sinônimo de uma solidão que escapa à alçada do outro.

Por outro lado, muito frequentemente uma necessidade de solidão o invade, tão vital para ele como respirar ou dormir. Que ele tenha essa necessidade vital mais que as pessoas comuns, é uma mostra de uma natureza mais profunda. A necessidade de solidão é prova sempre em nós de espiritualidade e serve para medi-la. “Essa gente cercada por homens que não são, essa manada de inseparáveis” os provam eles, tão pouco que, como periquitos, morrem desde que se encontram sozinhos; como a criança que não dorme se a gente não cantar pra ela, eles precisam do suporte tranquilizador da sociabilidade para comer, beber, dormir, rezar, se apaixonar etc., mas nem na Antiguidade nem na Idade Média se negligenciava essa necessidade de solidão, respeitava-se o que ele exprimia. Nossa época, com sua indestrutível sociabilidade, treme diante da solidão, que só sabe (que ironia!) usá-la contra criminosos. É verdade que, atualmente, é um crime se consagrar ao espírito, portanto, não se espanta que os amantes da solidão sejam classificados como criminosos. (KIERKEGAARD, 2008a, p. 412, tradução nossa)

Não obstante, a felicidade eterna é contemplada pelos amantes da solidão e o silêncio é o que conduz a esse encontro fora de si mesmo, contudo, está fora de si porque é uma condição necessária para aceitar o sofrimento.

Pelo sofrimento, o indivíduo revela-se num “outro” e, neste momento, cujo silêncio é religioso, Kierkegaard enfatiza a sua ambiguidade: “O silêncio é a armadilha do diabo; quanto mais ele é guardado, mais o diabo é terrível; porém, é ainda um estágio em que o indivíduo assume consciência de sua união com a divindade.” (KIERKEGAARD, 2008a, p. 81, tradução nossa)

Quanto mais profundo for o silêncio e a solidão pelo sofrimento, maior será a distância que nos separa do mundo para um duplo esforço: sair de si, transcender-se como condição para regressar a si em um silêncio como integração. O descentrar-se, saltar, retornar a si mesmo, mediado pelo silêncio e pela solidão, configura um salto que só o indivíduo, na constituição do seu “eu”, pode fazer.

Na realização do salto sou – não o mesmo, mas um outro enriquecido por este esforço de interiorização. O salto sucede a imanência do “eu”. Mas o “eu” tende a desesperar-se, chegando, como ficou dito acima, a um hermetismo, ao “*desespero demoníaco*”. Neste sentido, temos de deixar claro o que vem a ser o hermetismo, para que este não seja confundido com o silêncio.

O hermetismo: desespero demoníaco.

Kierkegaard compara o hermetismo a uma porta falsa, atrás da qual nada existe e está cuidadosamente fechada. É atrás dessa porta que o “eu” do desesperado se esconde e esse isolamento apresenta-se num duplo movimento: a recusa de ser si mesmo e o amor autodirecionado, tal como Kierkegaard/*Anti-Clímacus* diz:

Esse desespero de um grau mais elevado que o anterior é daqueles que encontramos com menos frequência no mundo. Esta porta condenada, atrás da qual não havia nada mais que o Nada, é aqui uma verdadeira porta, mas outrora trancada, e, atrás dela, o eu, atento a ele mesmo, se ocupa e passa o tempo a negar de ser ele mesmo, fazendo pouco caso de se amar. É o que chamamos “hermetismo”, do qual vamos nos ocupar agora, este contrário do espontâneo puro, que ele despreza por fraqueza intelectual. (KIERKEGAARD, 2008a, p. 411, tradução nossa)

Segundo Kierkegaard, o desesperado está tão fechado em si mesmo que mantém todos à distância de seu “eu”, do seu silêncio. Frequentemente, experimenta um desejo de estar só, que é uma necessidade vital, quase como respirar. Ele vive, no seu hermetismo, *horis successivis*, horas que, ainda que não sendo vividas para a eternidade, têm a ver com o eterno: ele se ocupa da relação do seu eu consigo mesmo. Mas, este homem não vai além disso, porque o seu desejo de solidão não deve ser considerado como signo de um silêncio

profundo, avesso à tagarelice, à companhia desses “tagarelas que nada têm de humano e só podem viver acompanhados”. O seu hermetismo é orgulho, o orgulho de desesperar da própria fraqueza. O desespero hermético conserva-se no distanciamento do homem com seu próprio “eu”: “Todo “eu”, ainda que seja pouco refletido, possui, entretanto, a ideia de se dominar. E nosso desesperado possui hermetismo suficiente para manter os importunos, isto é, todo mundo, à distância dos segredos de seu eu, sem perder o aspecto de um ser vivo.” (KIERKEGAARD, 2008a, p. 301, tradução nossa)

O hermetismo pode atingir o homem mais simples. Caso esse homem, por alguma revolução, não se ponha no caminho do querer ser si mesmo por meio do salto existencial, seu desespero ou se eleva em potência até uma forma mais alta em que continua a ser hermetismo, ou se rompe, destruindo o disfarce exterior sob o qual este desesperado viveu incógnito. No primeiro caso, quando o desespero se condensa, transforma-se em desafio, e podemos ver a falsidade do desespero que se diz fraqueza; vê-se, com evidência, como é dialeticamente exato dizer que a primeira expressão do desafio é justamente o desespero a respeito de sua fraqueza. No segundo caso, ele se lançará na existência, distraído-se com grandes empreendimentos e se tornará um espírito inquieto em busca do esquecimento, ou buscará o esquecimento na sensualidade, talvez na libertinagem, para, em seu desespero, regressar à imediatidade, mas sempre com a consciência do “eu” que ele não quer ser.

Mas, se esse desesperado mantém seu hermetismo intacto em silêncio e solidão *omnibus numeris* absoluta, o perigo iminente é o suicídio. Ou seja, o de não aceitar o silêncio do seu sofrimento. Se ele possuir um só confidente seu silêncio será audível e experimentará um alívio que haverá probabilidade de se evitar o suicídio. Mas, pode acontecer que a confiança dê lugar ao desespero e, então, lhe parecerá que teria sido melhor o silêncio:

Mas, lancemos um último olhar no fundo deste taciturno, não faz se não pisar em sua taciturnidade. Se ele a mantém intacta, *omnibus numeris* absoluta, o suicídio é seu primeiro risco. O comum dos homens não tem naturalmente a menor desconfiança do que um tal hermético pode suportar; eles ficariam estupefatos de o saber. Tanto isso é verdade que ele se arrisca ao suicídio, antes de tudo. Que ele diga a alguém o contrário, que ele se abra a uma pessoa, e é então nele, quase uma certeza, um tal relaxamento,

um tal apaziguamento, que o suicídio deixa de ser a saída do hermetismo. Um confidente já, um só, é suficiente para abaixar em um tom o hermetismo absoluto. O suicídio tem chances, então, de ser evitado. Mas a própria confiança pode mesmo dar lugar ao desespero, hermético vê então, teria sido infinitamente melhor suportar a dor de se calar, do que tomar um confidente. Temos exemplos de herméticos levados justamente ao desespero pelo fato de terem tido um. O suicídio pode, então, apesar de tudo, acontecer. (KIERKEGAARD, 2008a, p. 414, tradução nossa)

O hermetismo levaria ao suicídio por não haver comunicação para o homem hermético; o silêncio do seu sofrimento não pode ser comunicado, não há um confidente. Esse hermetismo é diferente de um poeta. Para um poeta, essa contradição dolorosa de um espírito demoníaco, incapaz tanto de ter um confidente quanto de passar sem ele, poderia expressar-se no tema do déspota demoníaco que mataria, sucessivamente, seus confidentes.

A revelação de seu segredo causaria angústia, já não seria o mesmo, e não haveria aprofundamento; a angústia estaria mascarada em suas revelações, seu silêncio é audível, a solidão afagada o sofrimento não é apenas sentido é existência e interiorizado.

Toda a interiorização conduz ao aprofundamento e este só é possível porque o mundo nos angustia. Mas não são as palavras apenas que permitem acender a esta interiorização, é o sofrimento. Talvez nenhuma outra coisa exija ao mesmo tempo tanto como ele – na sua realidade subjetiva a ser tratada, meditada e concebida, dando ao problema uma forma explícita. É daí que a seu respeito se levantem questões de fundo e que para estas se procure uma resposta.

De maneira subjetiva, o sofrimento humano, quando não comunicado, não é determinado por um tempo ou estágio de tempo, pois é inerente à temporalidade, “é a interioridade no homem”, não escapa a ele, é um refúgio poético, hermético e solitário.

O homem que não entende o seu sofrimento, mesmo que seja de maneira silenciosa, que busca satisfação estética, descobre-se numa autorrealização efêmera. Nela, o indivíduo não tem palavra para seu sofrimento, pois não o comunica, ludibriado por uma felicidade imediata e poética que camufla o silêncio do sofrimento.

De acordo com LE BLANC (2003, p. 22): “O indivíduo deve, portanto, tentar perseverar no sofrimento, a fim de se encontrar

por meio dele e não fazer como o poeta que cria obras pelo sofrimento sem, todavia, assumir o dever de se compreender por meio dele. Sob esse ângulo, a obra do poeta é, precisamente, uma fuga diante do sofrimento.”

E, ainda, no *post-scriptum aux Miettes philosophiques*, encontramos o seguinte:

Que, por exemplo, o poeta não se deixa influenciar por sua própria produção poética, esta de acordo do ponto de vista estético; ou completamente indiferente, porque, esteticamente, a produção poética e a possibilidade são o plano mais elevado. Mas, eticamente, é ao contrário da mais extrema importância, porque eticamente, a vida do poeta é completamente indiferente, enquanto que sua própria existência deve ser o que há de mais importante para ele. (KIERKEGAARD, 2008d, p. 329-330, tradução nossa)

O sofrimento silencioso pode ser explorado de modo amplo a partir de uma leitura existencial, quando essa existência não se predispõe ao hermetismo. Em certa medida, até o nosso tempo, a forma objetiva de comunicar o sofrimento silencioso é a maneira como ele se manifesta no decorrer do existir, tornando-se a seu modo incomunicável, tendo em vista que o sofrimento silencioso ganha um sentido mediante um salto qualitativo do “eu” querer ser si mesmo. Mesmo que o sofrimento silencioso seja incomunicável ele poderá ser audível no salto existencial.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, J. M. de; VALLS, A. L. M. **Kierkegaard**: filosofia passo-a-passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FARAGO, F. **Comprender Kierkegaard**. Trad. de Ephraim F Alves. Petrópolis: Vozes, 2006.

KIERKEGAARD, S. A. **In Vino Veritas**. Tradução de José Miranda Justo. Editora Antígona, 2005.

_____. **Poit de vue explicatif de mom ouvre d'esrivan, Duex petits traités éthico-religieux.** La maladie e La Morte, six dicours, 1848-1849. Trad. de Tisseau, Paul Henri et Jacque-Tisseau, Else-Marie, Paris: Éditions de L'orante, 2008a.

_____. **Ou bien Ou bien.** *Ultimatum* . Tel Gallimard, 2008b.

_____. **Ou Bien ou Bien.** Le reflet du tragique ancien sur lê moderne. Gallimard, 2008c.

_____. **Post-Scriptum aux Miettes philosophiques.** Le pathétique. Tel Gallimard, 2008d.

_____. **Temor e tremor.** Humus. Trad. de. Torriere Guimarães, 2008e.

LE BLANC, C. **Kierkegaard:** figuras do saber. Trad. de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.